



## O Que o Estruturalismo *Ainda* Tem a Nos Comunicar?<sup>1</sup>

Marcela de Maria Sehn FONSECA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

O presente trabalho busca demonstrar a pertinência da perspectiva estruturalista para os estudos na área da comunicação no atual contexto, em que as novas tecnologias transformam a maneira que nos comunicamos. A partir de uma abordagem da antropologia estrutural e da semiótica da cultura é realizada uma reflexão acerca das teorias estruturalistas e sua concepção acerca da linguagem e dos sistemas simbólicos humanos. Esse resgate teórico tem como objetivo explicitar os principais conceitos e métodos desse campo teórico. Através dessa revisão teórica é explicitada a atualidade da concepção estruturalista para pesquisas acerca da linguagem e seus processos simbólicos e, portanto, comunicacionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estruturalismo; linguagem; semioses.

A resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer que o passado, já que não pode ser destruído porque sua destruição leva ao silêncio, deve ser revisitado: com ironia, de maneira não inocente. (ECO *apud* RIBAS et al., 2010)

Em algum lugar do mundo, neste momento, provavelmente há alguém que com seu aparelho celular está registrando alguma imagem audiovisual. Talvez o momento captado por este sujeito tenha sido aleatório ou fruto de algo que lhe chamou a atenção. Este mesmo sujeito pode chegar a sua casa e passar esta imagem, que agora é mero arquivo digital, para seu computador pessoal. E, em um momento insone, este alguém decide brincar com esta imagem em um recém-instalado novo software de edição de imagens que encontrou em uma rápida busca na internet. Satisfeito com o resultado, este sujeito anônimo, decide disponibilizar o resultado de sua manipulação audiovisual

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 02 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da FABICO – UFRGS, e-mail: [mar\\_sehn@yahoo.com.br](mailto:mar_sehn@yahoo.com.br)



em um site de relacionamento, onde este arquivo/produto será visualizado pelos mais diferentes públicos.

Esta pequena história introduz o tema do presente trabalho: em um mundo cada vez mais fluido, em que as territorialidades e categorias como espaço e tempo estão sendo ressignificadas, o que a perspectiva estruturalista tem a contribuir para a compreensão desses novos processos comunicacionais? Se significar é o traço de especificidade da existência humana, a perspectiva estruturalista, através de uma abordagem semiótica, pode trazer pistas para o desvelamento dos sistemas simbólicos que estão a se construir?

O que é identificado como teoria estruturalista comporta uma multiplicidade de discursos. Como explica Coelho (s.d.) o estruturalismo como teoria, método ou conceito permeia o desenvolvimento teórico de diferentes campos do saber, como a antropologia, a psicanálise, a linguística, a semiologia, o materialismo histórico, entre outros campos científicos.

O autor faz ainda uma importante distinção semântica entre os termos estruturalismo, estrutura e estruturalidade. Podemos definir estes termos simplificadamente como a concepção teórica, o foco das reflexões e, por fim, a forma. Coelho (s.d.) retoma as principais discussões que envolveram o desenvolvimento do(s) estruturalismo(s) como perspectiva teórica das ciências humanas.

Neste trabalho a perspectiva que nos interessa é a abordagem da antropologia estrutural e da semiótica da cultura. Dentro desses campos do saber, a perspectiva estruturalista permite problematizar a questão da linguagem e, conseqüentemente, as semioses presentes nesse sistema simbólico. Através da concepção estruturalista é possível focar as rupturas, as convergências, enfim, a manipulação dos signos presentes na linguagem como sistema de comunicação.

O ato comunicativo se constrói através de uma dada linguagem: esta é um conjunto de signos convencionados. A linguagem pode ser construída através de diferentes signos, sejam eles sonoros, visuais ou verbais (SANTAELLA, 2005). Assim, comunicar é significar. E, através de signos nos comunicamos para desvelar o mundo que se apresenta diante de nós. Para o estruturalismo o ato simbólico é lógico, capaz de estabelecer relações, construir representações.

Ao, por exemplo, registrarmos e compartilharmos uma dada imagem que consideramos engraçada, essas ações comunicativas se utilizam de uma linguagem que convencionou o que é ou não engraçado e como devo representar essa mesma imagem



para que o efeito do riso seja despertado. Os signos têm sentido em relação interdependente em um dado conjunto dentro de um código de linguagem. Assim, provocar o riso significa conhecer as possibilidades de uma dada linguagem e as formas de manipular seus elementos conforme estabelecido em um dado código de significação.

A comunicação é, deste modo, um fenômeno cultural e, portanto, simbólico. Quando falamos em Cultura adotamos seu sentido de mapa que nos orienta ante o mundo. Este mapa é construído por signos que obedecem a um código convencionalizado, estabelecendo sistemas de significação capazes de criar representações acerca de um dado universo:

O conceito de Cultura (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a Cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.” (GEERTZ, 1978 , p. 15)

É através da atividade simbólica, entendida como Cultura, que mediamos as experiências *do* e *no* mundo “natural”. Na antropologia estrutural clássica o conceito de cultura começa a ser pensado em oposição ao conceito de Natureza. Umberto Eco (2002) em sua teoria semiótica faz dedução análoga, se utilizando do conceito de limiar inferior que separa o mundo semiótico e pré-semiótico.

A tecnologia digital, grande evento desta era (pós)moderna , se baseia em uma lógica binária, no qual apenas dois elementos oposicionais (0 e 1) podem ser reordenados infinitamente. A palavra *digital* vem do latim *digitus*, ou seja, dedo. O que há nessa correspondência semântica é o conceito primordial de uma tecnologia operando com princípios simples e lógicos.

Antes de avançarmos no tema, cabe nesse momento um pequeno esclarecimento: não é pretensão deste trabalho aprofundar a reflexão que envolve estarmos ou não em uma era pós-moderna. Utilizamos o parêntese e prefixo *pós* para tencionar a problemática que envolve este conceito e conseqüentemente sua influencia na interpretação dos processos sociais.

Como exemplifica Eco (ECO *apud* RIBAS et al., 2010), o pós-moderno na verdade é um modo de operar a crise de representação de um dado sistema simbólico. Vivemos em um momento (pós)moderno por estarmos vivenciando uma nova forma de



codificação do mundo, com um alcance que traz incertezas quanto a manipulação desse novo código (seja este um código religioso, político, artístico, cotidiano, etc).

O código normatiza os elementos de uma dada linguagem. Assim, o código convencionou o modo como devemos articular estes signos a fim de produzirmos semioses. Qualquer alteração na conjugação destes elementos provoca uma mudança na linguagem e, portanto, em nosso universo simbólico.

Sendo que o código estabelece uma ordenação em um dado sistema de linguagem, a crise (pós)moderna ao romper com a ordenação desse código, põe em evidência o sistema simbólico de uma dada realidade social. Cabe assim à semiótica buscar compreender como se estabelecem estas novas combinações signicas produtoras de semioses capazes de criar novas convenções dentro do código.

Dessa lógica, de bit e bytes, de 0 e 1, de sim e não, ausência e presença, uma operação aparentemente simples, a pertinência de uma reflexão acerca do escopo teórico do estruturalismo se destaca. E, uma das questões mais complexas que o estruturalismo desde seu surgimento epistemológico busca responder é o que há de universal na mente humana? A resposta a essa questão ôntica sob um pressuposto de articulação estrutural permeia, de maneira direta ou indireta, a produção científica das ciências humanas. Se nos escritos de Marx encontrarmos a estrutura como uma articulação da produção material e da produção simbólica, na perspectiva da linguística, da semiótica e da antropologia, o papel e lugar da estrutura será epistemologicamente ainda mais explorado.

A tecnologia digital, baseada na lógica binária, disponibiliza signos que podem ser (re)codificados infinitamente. Os novos meios de comunicação facilitam a apropriação dos signos e sua manipulação. E, embora a mente humana tenha em comum os mesmos princípios lógicos, segundo Levi-Strauss (1970), as possibilidades de representação simbólica são infinitas.

O autor (1982) ao estudar os mitos como representações simbólicas da coletividade demonstrou que esses fazem parte de mecanismos inconscientes que estruturam a mente humana. Esta ordenação não é de ordem prática, mas simbólica: na antropologia estrutural tradicional o que há de universal na humanidade é a mente humana. Desta forma, há no processo de constituição da humanidade uma constante tentativa de reordenar a natureza *a priori* caótica, criando sistemas de significação que possibilitem a leitura do mundo. Ou seja, façamos parte de uma isolada tribo ameríndia



ou de um grupo em uma grande cidade cosmopolita, como seres humanos, estaremos imbuídos do mesmo princípio: significar o universo que nos é dado.

No processo de construção de sua teoria estruturalista, Levi-Strauss (1970) será fortemente influenciado pela linguística, especialmente pelos escritos de Ferdinand Saussure. Para o autor, a linguística é a primeira ciência social a construir um método científico para a investigação social. Ao introduzir a noção de sistema e de fenômenos não conscientes processados pela língua, o método linguístico possibilita a proposição de leis gerais que estão encobertas, por exemplo, na criação dos mitos ou nos sistemas de parentesco.

Esta perspectiva possibilita a compreensão de que, seja um dado vocabulário ou um conjunto de regras de conduta social, estes são códigos pertencentes a leis gerais: estas são a necessidade humana de naturalizar o arbitrário presente no mundo.

A Cultura teria surgido a partir do tabu do incesto (LEVI-STRAUSS, 1982). Esta interdição é um código humano universal. A proibição do incesto ordena simbolicamente, por isso, é para Levi-Strauss (1982) o ato simbólico que instaura a oposição entre Natureza e Cultura. Este tabu distingue o *Eu* do *Outro*, estrutura um sistema de nomeação em que o Eu estará em constante relação intercambiante e dialógica com o Outro.

Esta interdição evidencia um sistema simbólico articulado binariamente, através da oposição, do negativo, da diferença. O Eu e o Outro permutam posições de nomeação simbólica em um dado sistema de ordenação, nesse caso, parental. Este sistema de classificação é possível através da capacidade humana de representação simbólica. Esta capacidade é estrutural, mas não é algo concreta. Esta estrutura é anterior, ausente e é por causa dessa ausência que é possível a criação de sentidos.

É esta situação da estrutura – a estrutura como algo que apenas está presente nos seus efeitos e que inclui entre os seus efeitos a sua própria ausência, a estrutura como algo que põe o sujeito em cena e lhe atribui um papel, sem nunca se tornar visível na plena evidência dessa cena, a *estrutura como estruturalidade* – que caracteriza todo o estruturalismo científico. (COELHO et. al., s.d, p. XXVIII)

Retomando Levi-Strauss, é na sua concepção estruturalista de caráter universal, a-histórico, que se sobrepõe ao sujeito, que irão surgir as maiores críticas à sua obra e demais pensadores de um estruturalismo tradicional. Um dos pontos a serem questionados será a premissa da possibilidade de um conhecimento científico



desvelador de leis gerais imutáveis, descobridor de um Código dos Códigos (ECO, 1997).

Assim a premissa da existência de uma Verdade Absoluta será questionada epistemologicamente pela ciência (MERLEAU-PONTY, 2004). O homem busca a verdade, não porque esta lhe seja necessária, mas porque seu significante carrega em si a afável sensação de controle sob o caos arbitrário, assim a existência humana se carrega de sentido (MERLEAU-PONTY, 2004). A experiência humana tece representações simbólicas sobre *o estar no mundo* e estas representações podem ser científicas, míticas, artísticas, cotidianas.

A ciência social tradicional, do século XX, também irá se preocupar com a produção simbólica da ciência. Como explica Levi-Strauss (1982) através da comparação entre o saber de um artesão e de um engenheiro: o artesão faz trabalhos manuais com resíduos, fragmentos de materiais. Neste sentido, ele ordena fazendo costuras com estes fragmentos. O engenheiro utiliza matérias-primas para criar ferramentas através de conceitos.

Todavia, tanto o artesão quanto o engenheiro operam através de signos que intermediam uma imagem e seu conceito. Com esta comparação o autor faz a analogia entre o pensamento mítico e o pensamento científico. Não há diferença operativa entre ambas as formas de produção de conhecimento. Tanto o conhecimento científico, quanto o conhecimento mítico, são produções simbólicas que estruturam um dado universo.

Mas, num contexto interpretativo, Umberto Eco, em sua produção teórica irá problematizar os conceitos do estruturalismo, enquanto método e episteme. Como demonstra, em um contexto fluido não podemos falar apenas em *a* estrutura, é necessário pensar na possibilidade de conjugar *as* estrutura(s) (ECO, 1997). Eco, em sua obra *A Estrutura Ausente* (1997) faz uma revisão da teoria estruturalista como perspectiva de interpretação semiótica. Ele reflete acerca das teorias que vão desde Levi-Strauss a pensadores como Foucault, Deleuze, Derrida, que irão propor um método e olhar epistemológico de desconstrução. Estes pensadores tencionam a problemática acerca da estrutura, propondo o entendimento destes processos não em sua forma engessada, mas em suas possibilidades de movimento, apropriação de sentidos, que revelam a (des)continuidade dos discursos e de seus códigos.

As novas leituras das teorias (pós)estruturalistas propõem que a ordenação estrutural tem seus códigos constituídos continuamente. Desse modo, os processos



comunicacionais possuem uma historicidade (não necessariamente linear), constituem parte de uma estrutura instável e plural.

A estrutura é uma totalidade virtual, fragmentada e, plural porque não possui um centro fixo e imutável. O conceito de Estrutura Ausente proposto por Umberto Eco (1997) traz a concepção da forma vazia e como espaço vazio possibilita infinitas possibilidades de significação. Ao invés de uma busca por leis gerais que excluem a historicidade e o sujeito do processo de significação, a reflexão passa a ser a busca pela desconstrução e desvelamento desses processos.

Esta ausência é caótica e, por isso, possibilita a criação de linguagens que ordenam e nos explicam sobre o mundo. A perspectiva (pós)estruturalista foca sua busca na compreensão das rupturas presentes no processo de desnaturalização da linguagem. As novas tecnologias ao permitirem a reapropriação dos processos comunicacionais causam uma mudança nos códigos de linguagem e essa mudança inevitavelmente repercutem na forma como interpretamos o mundo.

A destacada crise (pós)moderna e os novos meios tecnológicos de comunicação anunciam um desajustamento que provoca a subversão dos códigos utilizados para representar o mundo na cultura ocidental moderna. Estas novas ferramentas da comunicação possibilitam uma exploração ilimitada das linguagens.

A tecnologia digital e os novos meios audiovisuais não são um sistema autônomo, fazem parte de um sistema simbólico e se organizam conforme regras culturais convencionadas. A transgressão deste código evidencia o próprio código como construto simbólico. No jogo binário o Eu/Outro, o Positivo/Negativo, a Totalidade/Fragmentação exteriorizam a arbitrariedade de nossas representações.

E se o homem está inserido em uma teia de significados que ele mesmo teceu (GEERTZ, 1978) a manipulação das novas tecnologias comunicacionais expõe a necessidade de compreender, não somente a teia *em si*, mas o processo de tessitura e as linhas que permitiram tecer e criar esta teia de significados. E, é por perceber a arbitrariedade e naturalização que perpassa a linguagem e a representação simbólica construída pelo homem, que a perspectiva estruturalista pode contribuir para a compreensão dos atuais processos simbólicos.

E precisamente quando a linguagem se mostra na sua nudez, mas se esquivava ao mesmo tempo a qualquer significação, como se fosse um grande sistema despótico e vazio, quando o desejo reina num estado selvagem, como se o rigor de sua regra nivelasse qualquer oposição,



quando a morte domina toda a função psicológica e se mantém acima dela como sendo a sua norma única e devastadora – então reconhecemos a loucura sob a sua forma presente, a loucura tal como se oferece à experiência de hoje, com sua verdade e a sua alteridade. (FOUCAULT *apud* COELHO et. al., s.d., p. LXXIV)

Uma das possibilidades (pós)estruturalistas propõe que o homem já é um ser cultural, não anterior à cultura. Não há assim mais o dualismo natureza/cultura, ou limiar inferior da semiótica (como proposto por Eco, 2002). As estruturas são sistemas simbólicos formados por contextos específicos e deste modo locais (GEERTZ, 1978).

A crise (pós)moderna não está no ato humano de significar. Mas nas novas possibilidades de decodificação simbólica. Essas incertezas tencionam o fato de que os códigos de linguagem e seus signos, compartilhados na vida social, são apenas homogêneos em seu caráter aparente e superficial. Habitados a uma dada ordenação simbólica do mundo, o que está em jogo são as nossas representações simbólicas sobre esse mundo.

Para finalizar, voltemos ao sujeito do início desse texto. E se o sujeito, com seu arquivo digital e seu software de edição de imagens, ao manipular seu produto, decidiu subverter a ordem estética e narrativa convencional, criando assim um produto audiovisual aparentemente caótico? É neste caos, neste vazio sem significação, que está o maior desafio das ciências humanas (e, conseqüentemente, também da ciência semiótica): se já não podemos pensar em leis gerais imutáveis, se a verdade nos é ilusória, no entanto, nos sobre o constante movimento de significar nossa existência. Portanto, a questão que se apresenta e, nisso o estruturalismo como método e epistemologia tem muito a contribuir, é a *criação* em seu momento vazio, ausente, presente e, por esta razão, repleta de significação.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: \_\_\_\_\_. Coleção Os pensadores. São Paulo: ed. Abril, 1982.
- COELHO, Eduardo Prado Coelho (org). **Estruturalismo – Antologia de textos teóricos**. São Paulo: Martins Fontes, s.d.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema – a imagem movimento**. São Paulo: editora Brasiliense, 1983.



ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

\_\_\_\_\_. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2008.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBAS, M. C. C. ; SOUZA, L. S. ; RANGEL, V. L. ; FONSECA, G. G. . **O Nome da Rosa de Umberto Eco: questões em torno do (Pós?)moderno**. Soletras suplemento, v. 20supl, p. 84-94, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal**. 3ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.